



COMPANHIA DE TEATRO DE ALMADA

TEATRO MUNICIPAL

JOAQUIM BENITE

CONVERSAS COM O PÚBLICO

CALVÁRIO

SÁBADOS ÀS 18H

FOYER DO TMJB

A loucura vista e sentida de perto

Moderação: **José Henrique Ornelas** (psicólogo)

30 SET

Maria Emília Marques

(psicóloga e psicanalista)

Miguel Loureiro

(actor e encenador)

07 OUT

Maria Antónia Carreiras

(psicóloga clínica e psicanalista)

Maria Rueff

(actriz)

14 OUT

António Gonzalez

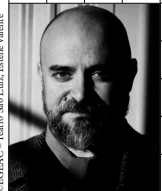
(psicólogo e encenador)

Miguel Seabra

(actor e encenador)



© EGEIAC - Teatro São Luís, Brnalk Valente



Na peça *Calvário* deparamo-nos com um grupo de artistas que procura levar à cena a peça *Minetti*, de Thomas Bernhard. Ora, o protagonista de *Minetti* descreve-se a si próprio como um consagrado “intérprete shakespeariano”, sustentando ter uma reunião marcada com o director do teatro de Ostende, que lhe prometera nada mais nada menos do que o papel de Lear, o rei louco. Só que esse tal director nunca se apresenta no suposto encontro, e nunca se chega a perceber se Minetti — o protagonista, que dá o nome à peça — é realmente um actor ou não passa de um mitómano que, no final, morre enregelado num banco de jardim sob uma tempestade de neve. Acontece que em *Calvário* os actores — intérpretes a fazer de si próprios, ora sincera, ora grotescamente — elaboram frequentemente sobre o mistério insondável (para nós, espectadores) da arte de representar, chegando a chamar-lhe “essa prima afastada da loucura”.

Neste ciclo de três conversas, os desafios colocados pelo teatro no que toca à apropriação das personagens pelos intérpretes poderão ser perspectivados de variadas formas. Desde os tempos imemoriais da história teatral, e da vida, a loucura tem suscitado grande interesse, uma vez que proporciona a liberdade de ser, pensar e agir para além das convenções de cada época ou circunstância. Permite ainda satirizar e criticar, com um espírito cintilante. No seu *Elogio da loucura*, de 1509, Erasmo de Roterdão fala pela voz da Louca, protegendo-se de potenciais ataques: “Não fui eu quem falou: foi a senhora louca. Quem leva a sério a loucura?”. Criticar em tempos de Inquisição, despotismo ou ditadura requer elevados níveis de ironia, de conhecimento e de destreza no domínio dos símbolos, da escrita e da interpretação. Neste campo, o que é sério e o que é cómico articulam-se habilmente, num emaranhado multicolor, como referia Stefan Zweig.

Sobre o teatro, Antonin Artaud — que utilizou a experiência da própria loucura para criar os conteúdos e a estética das suas *performances*, bem como a forma de interpretá-las — expressa um pensamento, que se pode considerar universal, em torno das contradições fundamentais entre o sujeito e o mundo que lhe é exterior; entre o imaginário e o real; entre o absoluto e o contingente; e entre o poético e o prosaico. Representar, assumir ou ser invadido por uma personagem contribui para que ambos — personagem e intérprete — se desenvolvam, moldem e cresçam, tornando-se vivos e visíveis perante o público. Nas palavras de Jorge Silva Melo, no volume *A mesa está posta* (2018), “[o teatro] consiste nessa coisa mais linda que é viver entre palavras, palavras de outros, antigos, modernos, tantos”. Este autor, actor e encenador admirava profundamente o virtuosismo da representação, mas também a tristeza que transparece na alegria exuberante de representar.

A loucura consiste na mais solitária das experiências humanas e, paradoxalmente, na mais social das designadas doenças, para quem a observa e analisa os seus efeitos ou consequências; assim como o teatro expressa, em público, o mais ínfimo detalhe desta experiência maravilhosa que é ser-se humano.